

A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE TEMPO HISTÓRICO POR ALUNOS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Dayse Kássia da Silva Amorim¹
Laís Almeida de Sousa²
Eleta de Carvalho Freire³

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo compreender como se dá a construção do conceito de tempo histórico por alunos do ensino fundamental. A pesquisa foi realizada com a professora e os alunos do 5º ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública municipal na cidade do Jaboatão dos Guararapes, situada na Região Metropolitana do Recife. Foram utilizados como recursos para obtenção dos dados observações das aulas, entrevista com a educadora e aplicação de uma atividade com os alunos. Os resultados apontaram que os alunos demonstram uma compreensão sobre o conceito de tempo ainda está centrada na sua dimensão cronológica e linear. A sequenciação de fatos ainda depende de elementos concretos que possam ser visivelmente ordenados, enquanto o entendimento sobre a simultaneidade mostrou-se limitado a eventos do cotidiano das crianças.

Palavras-Chaves: Ensino de história. Tempo histórico. Anos iniciais.

Introdução

O objeto de estudo dessa pesquisa é a construção do conceito de tempo histórico por alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. Nosso interesse pelo tema surgiu a partir de vivências pessoais como alunas do ensino fundamental, quando tivemos aulas de História que nos despertaram o interesse pela disciplina. Nessas aulas as professoras utilizavam materiais didáticos que tornavam os conteúdos mais interessantes, conduzindo o ensino através de reportagens e fotografias referentes a fatos acontecidos no tempo presente, o que nos colocava em proximidade com as nossas histórias vividas.

Essas experiências nos colocaram diante de um conflito quando durante a fase de observações vivenciada na Pesquisa e Prática Pedagógica 4 (PPP4)⁴, identificamos ora a ausência

¹ Concluinte do curso de pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail daysekassia2010@gmail.com

² Concluinte do curso de pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail lalasinha_dudu@hotmail.com

³ Professora do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino/ Centro de Educação Universidade Federal de Pernambuco. E-mail eletafreire@hotmail.com

de aulas de História, ora a vivência de poucas aulas baseadas em uma proposta tradicional e nas quais os alunos trabalhavam apenas as datas comemorativas e os registros de fatos históricos que aconteceram no passado, como se a história tivesse existido apenas em tempos remotos. Os conteúdos dessas aulas eram tratados sem fazer interlocução com o tempo presente ou até mesmo com o futuro, não permitindo ao aluno desenvolver uma melhor compreensão do que é a História e de seus principais conceitos.

Outros fatores relevantes para a escolha do tema foram a nossa entrada no curso de Pedagogia e o desejo de encantar nossos futuros alunos com aulas de História que lhes sejam interessantes e promovam aprendizagens significativas, além do estágio realizado na disciplina de (PPP4), que envolve o ensino de Português e de História, tratados de forma interdisciplinar.

Nesse sentido, Abud (2004, p. 19) ao pesquisar sobre o ensino de História, afirma que a aprendizagem dos conhecimentos históricos tem como “objetivo situar o aluno no momento histórico em que vive”. Entretanto, a autora alega também que tem sido uma prática habitual nas escolas, considerar-se que basta datar fatos para que os alunos consigam se localizar temporalmente. Exige-se dos alunos que os mesmos decorem as datas que correspondem a algum acontecimento histórico, porém situar-se historicamente, segundo a autora, é compreender que os acontecimentos que surgem a sua volta fluem de uma dinâmica de relações próximas e distantes que se estabelecem numa variedade temporal. (ABUD, 2004).

Assim como Abud (2004), outros autores (SIMAN, 2005, COOPER, 2006) destacam a importância da compreensão do conceito de tempo, que permite ao aluno estabelecer uma relação entre fatos do passado e acontecimentos vividos no presente, identificando que em cada tempo histórico há uma coexistência entre o passado e o presente. O tempo vivido tem ritmos e durações próprias e pensar historicamente supõe a capacidade de identificar mudanças e permanências, diferenças e semelhanças entre o passado/ presente e futuro. (SIMAN, 2005).

Assim, ao trabalhar com as vivências cotidianas dos alunos, possibilita-se que eles passem a se localizar temporal e socialmente na história. Ou seja, as aprendizagens dos conhecimentos históricos envolvem necessariamente aprendizagens sobre o tempo e são necessárias à vida social dos indivíduos, uma vez que o tempo opera como organizador do cotidiano das famílias, da escola, do trabalho e de vários outros aspectos da vida humana. (BERGAMASCHI, 2000).

⁴ Componente Curricular ofertado no 5º período do Curso de Pedagogia.

O ensino de História nos leva a construir pensamentos críticos, permitindo ao aluno entender que esse ensino não trata apenas de acontecimentos do passado, mas também do presente, ou seja, do tempo em que vivemos. (ABUD, 2004). Nesse sentido, devemos considerar que o tempo não é uniforme, pois diferentes fatores ocorrem em diferentes níveis de tempo e as histórias individuais são integrantes das histórias coletivas. O tempo presente nos mostra o momento em que a história está sendo construída contribui para o entendimento sobre o tempo passado, aquele vivido por outras pessoas que construíram suas histórias antes das nossas. Diante disso, entendemos que a consciência de viver a história é a chave para a compreensão sobre a historicidade dos acontecimentos pelos alunos e para que estes deixem de ser apenas memorizadores de datas e fatos passados e passem a se sentir autores e coautores de histórias individuais e coletivas que são diversificadas e construídas no decorrer do tempo.

Além disso, o ensino de história visto em uma perspectiva de compromisso com a formação de identidades pessoais e coletivas demonstra ser um fator primordial para formar cidadãos que possam compreender as noções de tempo e espaço identificando sua inserção nos diferentes espaços, tempos e grupos, tornando-se críticos de suas próprias histórias. Do mesmo modo, a história é uma construção aberta às transformações sociais e culturais e a escolarização visa buscar um novo horizonte de descobertas e aprendizagens. (BERGAMASCHI, 2000).

Destacamos a relevância de que os alunos do Ensino Fundamental construam noções temporais básicas que os ajudem a localizar-se e organizar-se no tempo histórico, perceber a existência de diferentes ritmos e épocas, compreender que o tempo revela transformações sociais, mas também permanências entre modos de vida, organização do espaço e vida em sociedade. Nesse sentido, entendemos que caberia ao ensino da História, situar os povos na construção do mundo, além de permitir ao indivíduo um sentimento de amor pela história da qual ele fez, faz ou fará parte, pois como sabemos, desde o primeiro momento de vida o tempo nos acompanha, fazendo uma ligação dos anos de existência, deixando marcas e produzindo histórias distintas. (BERGAMASCHI, 2000).

Desse modo, aprender história representa entrar nos acontecimentos como agente cooperador de seu tempo e de uma história coletiva, contextualizando fatos e situações que já aconteceram, relacionando presente, passado e futuro de forma interligada e ampliada. Nessa perspectiva, o tempo se apresenta como tempo social, ou seja, como tempo de vivências individuais e coletivas, e que numa dimensão histórica aparece marcado por experiências

humanas e pelas comparações entre o que aconteceu, o que acontece e o que poderá vir a acontecer.

Ao sistematizar as noções de tempo, inicia-se no aluno a primeira etapa para a compreensão do conceito de tempo histórico, ou seja, este passa a diferenciar o tempo físico do tempo social. O tempo físico (a diferença da passagem do tempo de acordo com a luminosidade, as mudanças de chuvas e temperaturas de acordo com as estações do ano, os movimentos da Terra em torno de seu eixo e em torno do sol) está no plano do tempo vivido pela criança pequena. Esta, ao chegar à escola, começa a lidar com medidores temporais, como horas, semanas, meses e anos, ou seja, passa a operar com o tempo cronológico como uma dimensão do tempo social, que favorece a aprendizagem sobre o tempo histórico por esses sujeitos. Este conceito ainda irá permitir que o aluno se localize temporalmente pela datação, pela cronologia, pela periodização necessária a vida social. (ABUD, 2004).

Em consonância com pesquisas sobre o ensino de história (BERGAMASCHI, 2000; ABUD, 2004; SIMAN, 2005; COOPER, 2006) entendemos que a construção do conceito de tempo é complexa, se dá de forma gradativa e passa por etapas distintas. Essas etapas incluem a compreensão sobre o tempo vivido, o tempo percebido e o tempo concebido, sendo que essa última etapa abrange a compreensão sobre o conceito de tempo histórico que constitui objeto da nossa pesquisa. De acordo com a literatura estudada, trata-se de uma compreensão que vai se desenvolvendo entre crianças com mais idade, uma vez que as crianças iniciam sua compreensão sobre o tempo com base no tempo vivido, tempo do acontecimento imediato. Ao cursarem o 5º ano do ensino fundamental as crianças já estariam vivendo a transição entre a percepção e a concepção do tempo e para essa transição a escola tem papel fundamental. Por essa razão, objetivou-se identificar e analisar qual a compreensão dos alunos do 5º ano do ensino fundamental sobre o conceito de tempo histórico e, para isso, tivemos como objetivos específicos: a) identificar procedimentos metodológicos adotados pela professora nas aulas de História; b) identificar recursos didáticos adotados; c) identificar e analisar as interações entre as crianças e destas com a professora para construção do conceito de Tempo Histórico.

Diante do que fomos observando na escola em relação ao ensino dos conhecimentos históricos durante a disciplina de estágio e do que as leituras em relação ao ensino de História, às aprendizagens sobre o conceito de tempo e, particularmente, sobre o tempo histórico, buscamos

apoio teórico para a pesquisa na literatura referente à construção desse conceito por crianças nos anos iniciais da escolaridade, como demonstramos a seguir.

Ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental

Ensinar História para crianças representa na atualidade um interesse global, muitos países, segundo Cooper (2006) tentam achar formas de ensinar sobre o passado às crianças de modo a evitar a abordagem de uma perspectiva única sobre tempos não vividos pelas crianças. Devido ao interesse desses países em relação a esse ensino foi formada uma rede⁵ chamada *The History Educator's International Research Network*, que permite aos educadores de História de todo mundo compartilharem suas descobertas sobre novas práticas de ensino para que as crianças aprendam sobre o passado de forma clara e ativa.

Para alguns historiadores o tempo é um conceito que permite uma visão ampla da história, pois mostra as várias facetas dos acontecimentos. Assim, entendem que ao ensinar História o professor deveria trabalhar este conceito sabendo que o mesmo pode ser influenciado por situações marcantes do próprio tempo em que o aluno está vivendo, e por todas as evidências disponíveis em determinados tempos. Para Cooper (2006, p. 175), “o processo de investigação histórica envolve a compreensão de conceitos do tempo: a mensuração do tempo, continuidade e mudanças, as causas e efeitos de eventos e de mudanças ao longo do tempo, semelhanças e diferenças entre períodos”.

As crianças podem ser capazes de desenvolver argumentos sobre fontes históricas, se forem ensinadas sobre como fazê-lo, segundo Cooper (2006, p. 176), e um bom começo para esse trabalho, é fazer com que a criança olhe para o tempo e as mudanças de sua própria história de vida. Caberia ao professor nesta tarefa ajudar a explorar o passado e a passagem dos acontecimentos através de diálogos, questionamentos sobre mudanças tanto de sua vida como das pessoas de sua família, levando em conta que este tipo de atividade requer um discurso dos alunos, pois são eles que desenvolverão suas descobertas e aprenderão sobre suas histórias.

De acordo com Cooper (2006), alunos dos anos finais do ensino fundamental têm uma maior facilidade para desenvolver esse tipo de dinâmica, pois, além de já estarem aptos ao

⁵ Trata-se de um fórum no qual educadores de história compartilham suas pesquisas de forma a envolver crianças para que aprendam sobre o passado de forma ativa.

letramento para fazer anotações, eles também já conseguem por si só criar formas de buscar as respostas necessárias as suas indagações. Enquanto que “crianças muito novas podem precisar de ajuda para compreender o conceito ou a reconstrução” de um jogo ou de uma história. (p.180). Para a autora, crianças de nove anos estão aptas para transferir sua compreensão sobre esse processo quando conversam em pequenos grupos, sem a presença de um adulto.

Os saberes históricos nesse caso se configuram como uma dimensão de conhecimentos que se articula com outras problemáticas da vida das pessoas, abordando aspectos que privilegiam a dimensão histórica do fazer humano, revelando a importância do ensino dos conhecimentos históricos desde os anos iniciais da escolaridade. No entanto, se no decorrer do século XX, os estudos sobre as disciplinas escolares eram oferecidos ora pela Sociologia, ora pela História da Educação, nas últimas décadas é crescente o número de pesquisadores voltados para o ensino de História, cuja trajetória revela um ensino oferecido sem desenvolver o pensamento crítico do sujeito. (ROCHA, 2006).

Sabemos que o ensino de História nem sempre teve espaço no âmbito das disciplinas escolares como vemos nos dias de hoje nos cursos de formação em Pedagogia, porém essa disciplina vem ocupando espaço nos currículos dos cursos de formação de professores e tornando-se objeto de estudo de grande número de pesquisas da área. Essas pesquisas mostram a fundamental importância de seu ensino para o desenvolvimento dos alunos nos anos iniciais da escolarização. As descobertas dessas pesquisas explicam porque a História, não se reduz a repetir e reproduzir memórias passadas, sem fazer articulação com os momentos vividos pelo próprio aluno, permitindo que este seja autor e construtor de novas descobertas e que ainda possam vivenciar de forma mais ativa tais acontecimentos. Nesse sentido, Silva e Fonseca (2010, p. 14) afirmam que:

Cresceu a pesquisa científica cujo objetivo de estudo é o ensino e a aprendizagem de História; passou-se a valorizar, cada vez mais, a cultura escolar, os saberes e as práticas educativas, desenvolvidos em diferentes lugares por docentes e outros atores do processo educativo. Essa foi uma conquista importante porque reafirmou, entre nós, a concepção de que ensinar História não é apenas repetir, reproduzir conhecimentos eruditos produzidos noutros espaços: existe também uma produção escolar.

No entanto, o ensino de História ainda parece ser ministrado em algumas escolas brasileiras como um conjunto de conhecimentos a serem repassados e memorizados para que possam, logo em seguida, serem avaliados. Tudo isso se transforma em um desafio para a

educação do século XXI, uma vez que os alunos possuem conhecimentos prévios, estão rodeados de novas informações e tecnologias, encaram oportunidades diversas, vivenciam novas descobertas a todo o momento, ou seja, não estão mais permitindo ser uma caixinha de depósito, ou um banco de dados. Hoje, as crianças e adolescentes querem fazer parte da história, querem construir junto com a sociedade, vivenciando a multiculturalidade e a interdisciplinaridade que fazem conexões entre o passado, o presente e o futuro.

Isso porque o indivíduo, ao construir suas identidades socioculturais e se formar cidadão, necessita adquirir conceitos que lhe permitam compreender o mundo. A história na construção dessas identidades socioculturais e na formação cidadã é primordial, pois intervém nas noções de espaço e de tempo inserindo o aluno na compreensão sobre um campo social e individual, nos diferentes tempos e espaços com os quais convive.

Entretanto, em parte o ensino de história tem sido inserido nas escolas através de uma perspectiva que não promove ao indivíduo conhecimentos que o façam agir como sujeitos capazes de desenvolver pensamentos históricos. Nesse processo de construção de uma noção de tempo e espaço é imprescindível que haja uma articulação entre as trajetórias e histórias de vida das pessoas que fazem parte da aprendizagem e do ensino de História, fazendo-as interagir com o processo histórico.

O tempo histórico tem sido abordado com frequência nas pesquisas relacionadas ao ensino de História, como vimos anteriormente, e mais recentemente, os trabalhos realizados nesta linha, em parte são voltados para os anos iniciais do ensino fundamental.

Tempo e noções de tempo histórico

As noções de temporalidade são vistas como fator principal para compreensão da História. Essas noções possibilitam ao aluno construir conhecimentos básicos sobre o tempo, os quais lhes permitem compreender o tempo histórico, percebendo as diferenças entre os espaços, tempos e épocas. Possibilita reconhecer que o tempo é uma invenção humana, uma convenção social, ou seja, “uma construção sociocultural, que se apresenta de distintas formas na sociedade desde épocas remotas e que modula a vida das pessoas de diferentes maneiras”, como afirma Bergamaschi (2000, p. 4).

Segundo Cooper (2006), para as crianças pequenas, o tempo parece algo natural, parece fazer parte da natureza, como tudo que existe nela. Isso porque a criança vive o tempo, mas ainda não abstrai sua existência, ou a forma como o tempo funciona na organização da vida cotidiana. Contudo, a maneira como o tempo se transforma ao longo da história é diversa, pois a forma de viver das pessoas em diferentes grupos sociais revela elementos da cultura, mesmo correspondendo a uma simultaneidade temporal. Na escola a homogeneidade temporal traz a marca das rotinas que são construídas e que favorecem a compreensão dos alunos sobre relações de ordenação e duração dos acontecimentos breves.

A dimensão do tempo no estudo da História é considerada como um processo que a partir das mudanças e conservações nos modos de vida dos indivíduos, revela formas de organização das sociedades. A apropriação do tempo pela sociedade é cultural, revela envolvimento de relações sociais complexas, apresenta diferentes maneiras de organizar acontecimentos, a partir dos modos de vida de diversos grupos sociais. Por outro lado, sabemos que nos primeiros anos do ensino fundamental os alunos estão aptos para compreender relações temporais necessárias à construção do conceito de tempo histórico, tais como: ordenação, duração e simultaneidade, e para realizar uma análise das alterações culturais nos seus grupos de convívio, que os levará a perceberem e compreenderem que a apropriação e a utilização do tempo são culturais, como afirmam Nemi e Martins (1996):

[...] O tempo possui uma representação no espaço. Em cada uma das várias sociedades que existem hoje, e também naquelas que desapareceram, existe uma percepção e uma utilização peculiar do espaço. O tempo não pode, portanto, ser marcado apenas pelos acontecimentos [...]. Ele precisa ser dimensionado segundo as transformações que o homem realiza em seu espaço social. (NEMI e MARTINS, 1996, p. 78).

Os autores afirmam que se o “tempo possui uma dimensão cultural”, é a partir daí que o homem através de suas ações organiza novas e diferentes maneiras de viver. O tempo histórico é um tempo múltiplo e precisa de uma sensibilidade que forneça a percepção dos sinais das transformações ocorridas, gerando novos sentidos para a história. A temporalidade histórica possui uma relação com o tempo vivido, o qual tem sua duração e ritmos próprios. (NEMI e MARTINS, 1996, p.78).

Como afirma Siman (2005, p.118) “a história, que faz do tempo a sua figura central, opera transformações no tempo vivido, cujos registros e traços são encontrados na memória individual e coletiva”. Ao pensar historicamente o indivíduo supõe identificar uma relação de rupturas entre

o presente, o passado e o futuro, trazendo a capacidade de realizar identificação simultânea de acontecimentos e dimensões da vida social em diferentes contextos. “No plano de desenvolvimento cognitivo, o entendimento da relação entre o tempo vivido e o tempo histórico, ou da relação entre a memória individual e coletiva se dá de forma lenta e linear”. (SIMAN, 2005, p.120).

Em tais capacidades de entendimento encontram-se envolvidas as noções de causalidade histórica, a aquisição dessas noções torna-se um processo lento e com longa duração. A partir da tomada de consciência do sujeito em relação à historicidade de sua vida e seu grupo de convivência, o mesmo estará desenvolvendo um processo de pensamento histórico.

Em uma pesquisa realizada com professores (as) do Ensino Fundamental, do 1º e 2º ciclos, realizada por discentes do curso de graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, compreendeu-se que o processo de aquisição da noção de tempo tem se configurado como um dos principais problemas apontados pelos professores para o ensino de História, devido às diversas dificuldades enfrentadas pelos educadores que lecionam este ensino. Isso porque as crianças apresentam dificuldades de compreensão sobre a periodização histórica, o estabelecimento de relações entre diferentes períodos históricos e, sobretudo de relações entre o tempo presente e outros tempos. Diante disso, as reclamações e insatisfações que surgem por parte de professores acontecem, segundo Carvalho (2005, p. 4), “devido às dificuldades e, para alguns, à impossibilidade de se ensinar História nas séries iniciais do Ensino Fundamental, uma vez que os alunos têm dificuldade em construir a noção de tempo”. Scaldaferrri (2008, p.53) afirma que:

A noção do tempo histórico social, aquele que as sociedades humanas imprimem à época em que vivem, relacionando-o com o seu passado e o seu futuro, um tempo de simultaneidade de mudanças e permanências, é por demais abstrato e estranho à compreensão infantil.

O tempo é visto como parte integral na vida das crianças e dos adultos já que o mesmo acompanha suas vidas em transformações e permanências que ocorrem ao longo dos anos. Entretanto, é um conceito de difícil entendimento, pois você pode conhecer compreender e entendê-lo, mas terá dificuldades em explicá-lo, em razão da sua complexidade. Nesse sentido, destacamos que para vivenciar o tempo as crianças menores se limitam aos episódios imediatos das suas experiências, tornando-o quase material. O tempo se confunde com a brincadeira, com a chegada de alguém esperado, com a hora do almoço, ou outro elemento significativo da sua

rotina. Rotina que proporciona a construção das noções de anterioridade e posterioridade, de sequenciação dos acontecimentos e, posteriormente, de percepção do tempo, fazendo com que a criança passe da fase do tempo vivido, caracterizado pela falta de consciência do tempo, para a etapa do tempo percebido, quando já abstrai relações temporais.

No entanto, o tempo histórico, leva em consideração os fatos de longa e curta duração, assim, o historiador pode classificar tais acontecimentos para dizer que certo tempo difere do outro. Esses acontecimentos nunca conseguem apagar definitivamente as marcas deixadas pelo passado. O tempo histórico expressa mudanças de acordo com o meio e a cultura. Assim, todas as descobertas têm grande importância, permitindo aos indivíduos compreenderem outras realidades e organizarem a sua existência. Seus principais agentes são os diversos grupos humanos. Esses grupos provocam mudanças nas sociedades e, ao mesmo tempo, se permitem ser modificados por elas.

Além disso, o tempo histórico permite conhecer o processo pelo qual passou ou passa a realidade em estudo, pois a história não está presa ao tempo cronológico, está sempre em constantes mudanças. Se hoje vivemos alguns fatos, amanhã outros indivíduos poderão vivenciá-los de formas diferentes. A história permite sermos sujeitos históricos e pesquisadores de nossa própria história ou de outros acontecimentos ao mesmo tempo.

Para as crianças essas definições tornam-se um pouco mais complexa, tendo em vista que, os objetos que existem no mundo mudam com o decorrer do tempo, e certas coisas que existem hoje não existiram no passado. Os sujeitos não conseguem compreender o passado pelos sentidos, pois tal compreensão é resultado de um longo processo de mudança cultural. Portanto, “pensar os processos educativos em relação à História implica, grosso modo, educar a criança para compreender e lidar com dimensões do tempo que se revelam no entendimento da mudança”. (MIRANDA, 2010, p. 372).

A relação da criança com a aprendizagem das mudanças temporais não se dá apenas no interior do espaço escolar, mas depende também de seu convívio com a comunidade, que muitas vezes é paralelo com a escola. Essas relações fazem com que a criança venha a ter consciência do tempo no momento que vivencia sua realidade junto com a comunidade, ou seja, passam a trocar experiências de coisas ou situações que foram e já não são. Segundo Miranda 2010, ao chegar à escola, a criança traz uma bagagem de experiências de natureza diversa que, grosso modo, se converte em memória capaz de justificar e constituir hábitos e atitudes que se repetem.

Para se realizar uma apreciação histórica, é necessário entendimento sobre o espaço e o tempo histórico no qual está situado o objeto da apreciação. Isto deve ocorrer principalmente quando se trata de estudo sobre o conhecimento científico. A noção de tempo histórico deve ser considerada a partir das situações de tempo. Segundo Corrêa (2005, p. 3), “o tempo pode ser organizado e analisado, para efeito de estudo sob diferentes enfoques”, destacando nesses enfoques o tempo vivido, do qual fazem parte os indivíduos e suas experiências concretas, vivenciadas em cada momento. O tempo concebido que se refere a uma reconstrução dos acontecimentos históricos e o tempo refletido que envolve uma mediação entre o tempo presente e as memórias das dimensões temporais que devem ser resgatadas.

Procedimentos metodológicos

Pescuma (2005, p. 12) define pesquisa como: “um conjunto de atividades, tais como buscar informações, explorar, inquirir, investigar, indagar, argumentar e contra argumentar”. Essa investigação caracterizou-se como uma pesquisa qualitativa, a qual proporciona ao investigador o contato com o ambiente e os sujeitos a serem investigados, possibilitando buscar informações e explorar o seu universo de significações. Santos Filho e Gamboa (2007, p. 43) afirmam que “o pesquisador precisa tentar compreender o significado que os outros dão às suas próprias situações”, tarefa realizada a partir de uma compreensão expressa através de linguagens e gestos. Esses pressupostos guiaram os caminhos metodológicos que esta pesquisa percorreu e que agora descrevemos.

Esta investigação teve como campo empírico uma escola da rede municipal de ensino do município de Jaboatão dos Guararapes na Região Metropolitana do Recife, na qual foram realizadas anteriormente as atividades propostas pela disciplina de Pesquisa e Prática Pedagógica 4. Trata-se de uma instituição que a partir do corrente ano passou a atuar com ensino integral, sendo nesta escola que o nosso interesse pelo tema da pesquisa surgiu, fazendo com que tivéssemos a curiosidade em investigar como é ministrada a disciplina de História nos anos iniciais do ensino fundamental, no sentido da construção do conceito de tempo histórico pelos alunos.

A coleta dos dados foi realizada em uma turma do 5º ano do ensino fundamental, escolhida, porque seus alunos estão na faixa etária de 9 a 10 anos que, de acordo com a literatura

sobre o ensino de História, citada anteriormente, favorece a aprendizagem do conceito de tempo histórico, objeto de estudo sobre o qual nos debruçamos.

Os sujeitos da investigação foram a professora, os alunos e alunas da referida turma. Os instrumentos utilizados para coleta dos dados foram a observação de 12 (doze) horas de aulas de História durante três dias com intervalo de uma semana; a realização de entrevista semi-estruturada com a professora e a aplicação de uma atividade para 18 (dezoito) alunos da turma.

Os dados da pesquisa foram mapeados, lidos repetidas vezes e discutidos na dupla para interpretação dos registros das observações, das falas da professora e das respostas dos alunos à atividade realizada até chegarmos aos resultados da pesquisa.

Na seção seguinte apresentamos os resultados e discussões, acompanhados das perguntas feitas aos alunos, na atividade respondida pelos mesmos.

O que revelam as observações de aulas?

Durante as observações buscamos identificar a presença de aulas de História na turma, os recursos e as metodologias utilizadas pela docente, bem como as formas de interação entre os alunos e destes com a professora durante as aulas. Na primeira observação percebemos pelas falas de alguns alunos que naquele dia não estava programada aula de História. Logo no início da aula um aluno pergunta: “professora e a prova de matemática? Eu estudei para fazer a prova hoje”. Porém, a educadora seguiu com a aula sem responder ao questionamento; solicitou que os alunos pegassem o livro da História de Pernambuco⁶ e realizou uma leitura sobre os indígenas.

Nesta leitura a professora lia com a turma, pedia para que os alunos marcassem as frases do texto que ela considerava importantes, além de localizar os nomes das tribos indígenas de Pernambuco em um mapa. As perguntas sobre os indígenas, elaboradas pela professora, limitavam-se à identificação de suas características físicas nas imagens, como se constata nessa sequência: “o índio é gordo ou magro? A mulher está vendendo ou comprando?”.

A docente, no entanto, não fazia com que os alunos participassem, não provocava a curiosidade dos mesmos. Em alguns momentos os alunos até tentavam participar, mas a

⁶ Destacamos que no 5º ano os alunos recebem um livro de História com conteúdos da História do Brasil e um livro de história regional, no caso, História de Pernambuco. Os livros adotados na escola são: VESENTINI J. Willian, MARTINS Dora, PÉCORA Marlene. Ápis. História 5º ano 2 ed. SP: Ática, 2012. CAVALCANTI Erinaldo. Pernambuco e muitas Histórias: história do estado de Pernambuco. São Paulo: Moderna, 2011.

professora não aproveitava as indagações dos mesmos sobre a leitura. Os alunos faziam perguntas sobre datas, mas não eram induzidos a um debate sobre o assunto. Em uma parte da leitura um aluno perguntou: “professora 12 mil anos é pouco tempo?” E a professora respondeu que “não, 12 mil anos não é pouco tempo”.

Diante dessa pergunta, no entanto, não houve problematização sobre a contagem do tempo, ou mesmo uma comparação com o tempo de existência do município, ou do país. Os alunos não foram induzidos a pensar sobre o tempo, sua contagem, suas interferências no dia a dia de cada um. A leitura se desenvolveu com foco apenas na constatação do conteúdo do texto.

Na segunda observação, a aula foi iniciada com a leitura de uma mensagem⁷ para reflexão dos alunos sobre boas atitudes, para terem um dia de aula bom. Em seguida, o assunto foi iniciado e tratava da Inconfidência Mineira. A aula neste dia foi ministrada da mesma forma que a anterior.

Foi realizada a leitura de um texto do livro didático com a participação dos alunos, porém sem muito êxito, pois os mesmos tinham dificuldades com relação à concentração. Sendo assim, a aula seguiu-se com a leitura realizada pela professora e com pouco questionamento sobre o assunto. Em alguns momentos a professora solicitava que os alunos grifassem fatos que ela considerava importantes citados no texto e, ao final da aula, foi solicitado um trabalho de pesquisa sobre “o ouro no Brasil”, com orientações para os alunos usarem papel pautado, ou do caderno e escreverem de próprio punho.

Na terceira observação a professora iniciou a aula realizando a leitura de mais uma mensagem para reflexão. Em seguida, recolheu a pesquisa que havia solicitado na aula anterior e, após recolher os trabalhos a professora ficou chateada porque um aluno levou a atividade escrita ou copiada por outra pessoa e enfatizou aos alunos que eles deveriam ter “vontade de aprender” que deveriam fazer os trabalhos com vontade e dedicação, para assim terem uma boa nota.

Logo após os comentários sobre os trabalhos de pesquisa, a professora falou sobre o dia do trabalhador e lembrou aos alunos que eles tinham ficado de levar para sala de aula naquele dia uma roupa que representasse uma profissão que eles gostavam. Apenas uma aluna levou a roupa, representando uma médica e falou sobre a profissão que tinha escolhido, a professora nesse momento indagou a aluna perguntando: Qual a importância dessa profissão? O que ela representa para a sociedade? A aluna respondeu que ser médica é uma profissão muito importante para

⁷ A mensagem foi extraída de um livro para reflexões diárias que envolve autoajuda e relacionamentos.

sociedade, porque os médicos podem curar as pessoas quando elas estão doentes. A aluna respondeu as perguntas da professora juntamente com alguns alunos, e encerraram-se as apresentações.

Observando conversas entre os alunos nesse dia, ouvimos os mesmos falarem sobre os dias dos meses, um aluno disse: “as datas existem até o dia 31” outro aluno respondeu: “não são todos os meses que terminam em 31, há um mês que vai até o dia 28 ou 29”. Essa conversa nos mostra que as crianças problematizam aspectos sobre a existência e contagem do tempo; refletem sobre o tempo e têm curiosidade de compreender formas de organização social pautadas no tempo. Como afirma Cooper (2006), as crianças transferem seus aprendizados para as conversas nos seus grupos, fazem observações, deduções e sugestões sobre o desconhecido a partir das informações e conhecimentos que já têm.

O assunto principal dessa aula foi sobre “os escravos”, o dia a dia dos africanos escravizados e, como já havíamos presenciado nas observações anteriores, a professora solicitou que os alunos pegassem o livro didático e realizassem uma leitura. Nesta aula, a professora realizou uma leitura com algumas explicações sobre como era o cotidiano de um escravo e sua rotina de trabalho, destacando as 15 horas trabalhadas por dia e quais os dias da semana que essas pessoas trabalhavam. A professora explicou que aos domingos e feriados os escravos não costumavam trabalhar. A partir dessa fala um aluno questionou dizendo: “os escravos deviam trabalhar todos os dias, porque eles eram escravos”. Apesar da gravidade da afirmação feita por esse aluno em relação à condição de escravo, a professora encerrou a leitura e não fez nenhuma indagação ou reflexão sobre sua fala.

Neste mesmo dia, após a volta do lanche a professora fez uma anotação no quadro sobre a Cidade do Jaboatão dos Guararapes e foi questionada pelos alunos, durante a anotação, sobre o porquê de a cidade se chamar “dos Guararapes”. A docente respondeu à pergunta dizendo que e continuou a escrever no quadro. A aula terminou sendo interrompida pela gestora, que diante dos alunos informou à professora que a escola possuía um mapa da cidade do Jaboatão dos Guararapes e que o mesmo podia ser utilizado naquela aula, entretanto a professora não se interessou pela sugestão da diretora. Em seguida, a diretora mandou o mapa para a sala de aula, mas a educadora não utilizou o mesmo, deixando-o “pendurado” na parede.

Diante de algumas falas e questionamentos dos alunos, presenciados durante as observações de aula, identificamos a necessidade de aprofundamento e detalhamento de algumas

questões, de apresentação de exemplos, de comparações e, sobretudo de ruptura com um ensino da História pautado na transmissão.

No entanto, as estratégias de ensino observadas demonstram a permanência de práticas tradicionais no ensino de História, pois apesar das leituras realizadas, os alunos não eram levados a pensar criticamente sobre o assunto estudado, da mesma forma que não foram observados diálogos durante as aulas e, sendo assim, várias situações observadas deixaram de se transformar em oportunidades de ensino dos conhecimentos históricos. Como afirma Corrêa (2005), quando a escola ou o professor demonstram uma prática tradicional fogem da concepção de um ideal de formação que possibilita ao aluno ser crítico e criativo.

Sabemos que a aprendizagem sobre o tempo histórico não é tarefa exclusiva da escola, pois se trata de um processo que é iniciado e se processa ao longo da infância, em diversos espaços, porém a escola é um dos principais espaços responsáveis em relação a esse tipo de aprendizado. Nesse sentido, Zamboni e Fonseca (2010, p. 351) afirmam: “acreditamos que o professor, ao ensinar História, incorpora as noções transmitidas no processo de socialização da criança, no mundo vivido fora da escola, na família, nos espaços de lazer, no diversos ambientes sociais e educativos, etc.”.

Para Garcia (2011, p. 9) “o ensino de história tem a responsabilidade de oportunizar aos alunos o contato com diversos conceitos”. Todavia, um dos mais importantes conhecimentos históricos está relacionado ao conceito de tempo, sendo o ensino fundamental o momento de os alunos desenvolverem habilidades para serem utilizadas na compreensão de questões referentes à temporalidade.

Nesse sentido, entendemos que as buscas por respostas nesta fase da vida tornam-se cada vez mais intensas, os questionamentos surgem muitas vezes como curiosidade, como consequência e é no ambiente escolar que as crianças sentem-se mais abertas para novas descobertas. Assim, o professor por muitas vezes torna-se o mediador entre perguntas e respostas, pois ensinar História nos anos iniciais do ensino fundamental deverá fazer com que as crianças compreendam fatos e acontecimentos.

(...) consideramos pertinente introduzir a criança no “mundo formal” do conhecimento histórico: familiarizá-la com o uso de um vocabulário histórico; despertá-la para a importância das fontes e dos documentos e de conhecer noções, conceitos, suportes modos de construção do conhecimento histórico. (ZAMBONI e FONSECA, 2010, p. 342).

Durante as observações realizadas nas aulas da turma do 5º ano, percebemos uma metodologia em que a História é vista como uma disciplina que prioriza o estudo de “datas e heróis”. Quando foi questionado ao grande grupo de alunos o que eles mais gostavam de estudar em História, uma das alunas disse que gostava de estudar sobre os escravos. A partir disso entendemos que ensinar história aponta para estratégias de ensino que não devem se limitar a esses fatos, mas ir além de números e nomes, ligando os acontecimentos a temas e sujeitos ampliando os esclarecimentos. Segundo Linhares e Cavalcante (2012, p. 8), “As séries iniciais é o período propício para desenvolver na criança as noções básicas de alguns conceitos gerais de História”. Assim, se a criança consegue desenvolver essas noções básicas de forma sistemática, consequentemente nas séries mais avançadas do ensino fundamental ela assimilará conceitos mais complexos.

O que diz a professora sobre o ensino de História?

A entrevista realizada com a professora possibilitou conhecer dados da sua formação profissional. A mesma é formada em Pedagogia, tem especialização em Gestão e Política de Educação e leciona há 21 anos. Como a maioria das docentes que atuam nos anos iniciais da escolaridade, ministra aulas das várias disciplinas, e começou a ensinar na escola pesquisada esse ano, porém é primeira vez que ensina em turma do 5º ano.

O segundo momento da entrevista constou com cinco itens referentes aos desafios de ensinar História nos anos iniciais, aos recursos e estratégias metodológicas utilizadas no ensino dos conhecimentos históricos, a abordagem do livro didático, aos conteúdos de ensino de História trabalhados com os alunos, e às dificuldades para aprendizagem sobre o conceito de tempo.

Com relação aos desafios enfrentados para ensinar História, a professora afirma que os alunos sentem muita dificuldade para compreender os conteúdos de História, bem como os seus diversos conceitos, e aponta como sendo um dos grandes problemas a compreensão sobre as relações temporais, ou seja, o entendimento sobre as relações do passado com o presente. Para a docente, o maior desafio “é ensinar\explicar aos alunos com dificuldades de leitura e escrita. Mesmo que você leia e explique os fatos, a criança parece não compreender as relações temporais, as sociedades e os fatos estudados”.

Essa fala da docente nos leva a refletir sobre as aulas observadas, nas quais a ausência de problematização e de aproveitamento das intervenções e questões levantadas pelos alunos era

frequente. Nesse sentido, Nemi e Martins (1996, p. 35) afirmam que a sala de aula é

[...] um espaço privilegiado para o debate, para a apropriação e sistematização dos conteúdos e experiências vividas no dia a dia. O aluno poderá conhecer melhor o seu mundo questionando as informações que recebe de seu meio e realizando atividades, individuais e em grupo.

Embora a educadora destaque as dificuldades de compreensão dos conhecimentos históricos pelos alunos, durante as observações percebemos que as aulas evidenciavam pouca vivência da turma com a História, Observamos também a forma cansativa como o ensino dos conhecimentos históricos era ministrado. Para Fonseca (2003, p. 167), “uma das possibilidades metodológicas interessantes é a literatura infantil. Várias obras literárias enfocam problemas sociais, ao mesmo tempo em que canções, fotografias, filmes acessíveis ao universo infanto-juvenil permitem ricas análises”.

Sobre os recursos e as estratégias metodológicas, a professora relatou que utiliza “Os próprios livros⁸ e a linha do tempo bem trabalhada com datas pessoais, fotos e pinturas do livro didático”. A educadora revela uma representação bastante positiva sobre os livros didáticos e diz que os mesmos “abordam tudo claramente, e que trazem explicações claras para os alunos”.

Em conformidade com as declarações da professora, observamos que o uso do livro didático é frequente nas aulas de História e que os conteúdos presentes nos livros – de História e regional – vão estabelecendo a sequência dos conhecimentos ensinados, sem que tenhamos observado a presença de planejamento para a disciplina. As aulas são ministradas através de leituras e exercícios de “fixação”, com apoio do livro e do quadro branco. No entanto, não observamos variações nas estratégias de ensino, nas linguagens utilizadas para o ensino dos conhecimentos históricos, nem na forma de abordagem dos conteúdos pela professora. A esse respeito, Fonseca (2003, p. 164) argumenta que

Ao incorporar diferentes linguagens no processo de ensino de história reconhecemos não só a estreita ligação entre os saberes escolares e a vida social, mas também a necessidade de (re) construirmos nosso conceito de ensino e aprendizagem. As metodologias de ensino na atualidade exigem permanente atualização, constante investigação e contínua incorporação de diferentes fontes em sala de aula.

A respeito dos conteúdos de ensino de História a professora relata que “são vários os conteúdos, mas os temas de conteúdos africanos, as artes e a História de nosso Estado são

⁸ No caso do 5º ano são dois livros: um livro de História e um livro de história regional com a história de Pernambuco.

considerados como sendo os mais importantes para o aprendizado dos alunos”. No entanto, observamos que a organização dos conteúdos é definida pelos livros didáticos e não pelas necessidades de aprendizagem dos alunos, além disso, não fazem articulação entre si, nem estão agregados a partir de um tema.

Com relação às dificuldades enfrentadas para aprendizagem sobre o conceito de tempo, a professora afirma que existe sim uma dificuldade, e que esta acontece porque “o aluno não consegue fazer relação temporal do passado com o presente”. Nesse sentido, Siman (2005, p. 111) afirma que “o conhecimento histórico se distingue de outros tipos de conhecimentos pela perspectiva da temporalidade que lhe é própria”. Por outro lado, nossas observações registraram momentos de inquietação dos alunos em relação às aprendizagens sobre contagem do tempo, datação, sequência de acontecimentos que, no entanto, eram pouco valorizados pela docente.

A construção do conceito de tempo histórico pelos alunos/as

A atividade proposta foi realizada por 18 alunos, que concordaram em responder as questões. Após uma explicação, as atividades foram entregues a cada um dos alunos e, ao ver que se tratava de algumas imagens, uma aluna afirmou que as mesmas eram de épocas diferentes, em seguida os alunos responderam as questões.

Inicialmente foram apresentadas três imagens para que os alunos identificassem se eram representativas de um mesmo espaço e de um mesmo tempo histórico.



Imagem 1 - Prédio da Prefeitura (1992)



Imagem 2 - Prédio da Prefeitura (1932)



Imagem 3 - Prédio da Prefeitura (2015)

Tais imagens representavam diferentes espaços, no entanto, onze alunos afirmaram tratar-se de um mesmo espaço, embora não houvesse elementos comuns nas paisagens. A partir das respostas percebemos dificuldades em alguns alunos para expressar conhecimentos relativos ao

espaço na sua relação com o tempo marcado nas imagens. Nesse sentido, referindo-se ao espaço, Polidoro (2005, p.140) afirma que “esta categoria não pode ser dissociada da noção de tempo”.

Todavia, para o autor, o entendimento dessa categoria torna-se complexo se o sujeito não faz o reconhecimento das dimensões mais simples como a lateralidade, a verticalidade e a horizontalidade. É a partir desse entendimento que a criança torna-se capaz de reconhecer representações, mudanças, permanências e transformações em imagens, lugares e até dimensões mais complexas. Para tal, ao ensinar História, o professor assume a responsabilidade de oportunizar aos seus alunos o contato com vários conceitos.

(...) obrigação fundamental do ensino de História no Ensino fundamental é proporcionar aos alunos o desenvolvimento de ferramentas, habilidades e competências para lidar com as questões relativas ao tempo, tanto na vida escolar quanto em suas vidas fora das salas de aula. (GARCIA, 2011, p.10).

Em relação ao tempo representado nas imagens, as respostas da maioria dos alunos afirmavam não se tratar de um mesmo tempo histórico, no entanto suas falas revelam diferentes formas de compreensão sobre o tempo. Alguns alunos buscaram apoio para responder à questão nas datas das imagens, como vemos nessas falas: “não, o ano é diferente” (Aluno 1); “não, porque cada um tem o tempo diferente” (Aluno 5); “não, porque não é da mesma época da outra” (Aluno 7).

Embora os alunos busquem referência no tempo cronológico, suas respostas revelam que a expressão do tempo histórico se apresenta desconhecida para eles. E uma das respostas revelou-se curiosa, pois o aluno afirma que “a segunda foto de 1932 era um ponto histórico, quebraram e fizeram outra e não é mais histórico”. Nessa afirmação o tempo histórico se confunde com ponto histórico, dando a entender que o aluno fala sobre patrimônio histórico, ponto turístico ou algo semelhante.

Outros alunos relacionam o tempo histórico à mudança e afirmam: “não, porque ao longo do tempo tudo mudou” (Aluno 2); “não, porque cada imagem representa um tipo de modificação do tempo” (Aluno 12); “não, se passaram várias cenas e mudou” (Aluno 15). Nesse caso, os alunos parecem compreender que o tempo histórico não comporta mudanças, como se este fosse o tempo medido, marcado por datas, fixo. Segundo Nemi e Martins (1996, p. 79), “ao ensinar história, o professor pode representar o tempo de uma determinada sociedade por meio de permanências e mudanças que os homens operaram no espaço social que dividem”.

Com base nas mesmas imagens, os alunos deveriam responder o que havia de comum entre elas e todos identificaram a sede da prefeitura do município. Além disso, deveriam explicar se representavam uma sequência. A maioria dos alunos demonstrou dificuldades no reconhecimento da sequência porque as datas não estavam ordenadas. Nesse item foram comuns respostas como: “não é possível saber pelas datas que são apresentadas” (Aluno 5); “não, porque a imagem 2 é mais velha que a 1 e a 3 não está na ordem correta” (Aluno 2); “não, porque as duas primeiras imagens são antigas e a outra é nova” (Aluno 12).

Quando questionados sobre o que é o tempo, a maioria dos alunos associa o tempo à medida, ao tempo cronológico, relacionando sempre às horas e ao relógio, como nessas falas: “são as horas, são as coisas que passaram e vão acontecer” (Aluno 5); “é a medida que eu faço no relógio e o tempo antigo” (Aluno 6); “é a medida que eu faço do relógio” (Aluno 7); “é um tempo grande, muito antigo”. (Aluno 13).

Outros, no entanto, trazem o tempo como uma questão de mudança e evolução, relacionando passado, presente e futuro, como nesta fala: “o tempo passa, mas não para, o tempo vai passando e as coisas vão evoluindo como vemos nas imagens”. (Aluno 2). “o tempo passa e não para e vai se evoluindo” (aluno 4); “são as horas, são as coisas que passaram e vão acontecer” (Aluno 5); “o que se passa no mundo, e o mundo muda para todos viver” (Aluno 8).

Nessas afirmações os alunos demonstram compreensão sobre o tempo cronológico mais imediato e sobre as mudanças que podem ser observadas com referência na relação entre o tempo passado e o tempo presente. Porém, ao constatar as mudanças, as crianças não identificam elementos de permanência, a mudança é compreendida como algo que atinge a totalidade dos elementos. De acordo com um dos alunos, o tempo representa “mudanças do passado para o presente porque mudou tudo”. (ALUNO 10).

Podemos deduzir das falas analisadas que para compreender o conceito de tempo o aluno deveria aprender sobre as relações temporais e as várias categorias e conceitos relacionados ao tempo, ou seja, os alunos que trabalham estes conteúdos se mostrarão mais habilitados a compreender conhecimentos históricos e periodização histórica.

Quando perguntados sobre quem era mais antigo, se o município ou o Brasil e por quê? A maioria dos alunos identificou a cidade do Jaboaão dos Guararapes como uma cidade antiga porque “tem 422 anos” (6 alunos); “foi descoberta há muito tempo atrás”; “existe há muitos anos atrás”. Outros alunos, no entanto, responderam que a cidade é nova, a partir da comparação com

o Brasil que tem “mais anos”. Na questão que indagava sobre o mais antigo, o Brasil ou o município do Jaboatão dos Guararapes a maioria dos alunos mostrou compreensão, comparou datas e estabeleceu a sequência do que vem primeiro e depois, ligando sempre as respostas a números, associando tempo e data. O que percebemos foi que algumas crianças dos anos iniciais e finais do ensino fundamental mostraram dependência em relação a um elemento concreto para reconhecimento da sequência.

Sobre a simultaneidade, que é a possibilidade de dois eventos poderem ser percebidos de forma coincidente no tempo, os alunos foram bem diretos quanto a respostas, os que conseguiram responder interpretaram as perguntas apenas no presente. As perguntas eram as seguintes: Você tem irmão mais novo, quantos anos ele tem? O que aconteceu ao mesmo tempo na sua vida e na vida de seu (a) irmão (ã) mais novo (a) depois que ele (a) nasceu? As crianças responderam exemplificando algumas das atividades que faziam juntos no momento presente como, por exemplo, ir à escola, brincar, comer e tomar banho.

As respostas tiveram apoio na rotina familiar e, nesse sentido, destacamos que a família atua como facilitadora para que a criança se aproprie de vários conhecimentos sobre o tempo, pois as rotinas vividas por cada família permitem que as crianças adquiram costumes e padrões e se apropriem de noções temporais. Assim:

(...) quando os pais manifestam a organização de rotinas, as crianças começam a se adaptar, adquirindo costumes e padrões que os seguirão seguidos durante a sua vida, como: o horário de dormir e acordar, de fazer as refeições, o prazer de realizar o primeiro aniversário, bem como hábitos de higiene pessoal. (LINHARES E CAVALCANTE, 2012, p. 8).

Linhares e Cavalcante ainda dizem que: “A partir das séries iniciais o professor deve investigar como a criança constrói a noção de tempo e incentivar atividades no seu dia a dia que auxiliem esta construção”. (p. 8). As crianças devem construir a noção de tempo histórico a partir de sua própria rotina, algumas ferramentas podem ser utilizadas para esse desenvolvimento como: as lembranças da infância, os familiares mais velhos e mais novos que ele, uma linha do tempo de sua vida em comparação com outras que apresentem acontecimentos de outros espaços e dimensões da vida social, uma vez que o tempo está definitivamente ligado à vida humana e quando a criança investiga sua própria história, adquire noção de fatos, espaços e tempos.

A linha do tempo tem grande importância no trabalho com a criança das séries iniciais, pois possibilita construir noções de tempo, destacando fatos e datas da sua própria vida e, ao

mesmo tempo, quando comparada a outras linhas ajuda a compreensão sobre a simultaneidade dos acontecimentos.

Sabemos que a aprendizagem sobre o tempo histórico não é tarefa exclusiva da escola, pois se configura como um processo que é iniciado e se processa em várias situações de vida da criança, ou seja, em diversos espaços. Porém, entendemos também que a escola é uma das principais responsáveis em relação a esse tipo de aprendizado.

Considerações Finais

Os resultados apontados nesta pesquisa revelam que os alunos demonstram uma compreensão sobre o conceito de tempo histórico em uma fase inicial de construção, uma vez que a noção de tempo cronológico e linear é predominante na compreensão que apresentam sobre o conceito. Essa compreensão destacou-se nas falas e nas respostas dadas à proposta de atividade vivenciada. Mostram também que os mesmos necessitam utilizar elementos concretos para compreender a sequenciação de acontecimentos e que o entendimento sobre a simultaneidade dos fatos mostrou-se limitado, apontando algumas lacunas, uma vez que está relacionado apenas ao presente mais imediato.

Desse modo, os alunos demonstraram dificuldades para abstrair a existência de um tempo presente em outro período de tempo, ou seja, compreender que os números, as datas e as medidas de tempo são apenas indicadores da existência de outros tempos e de outras histórias. Compreender que as histórias, as paisagens, os modos de vida apresentam mudanças, mas também permanências.

Esta pesquisa possibilitou a construção de outro olhar sobre o ensino de História nos anos iniciais do ensino fundamental. A oportunidade de estarmos com os alunos, através das observações das aulas e da atividade proposta, foi reveladora de práticas de ensino centradas em um recurso único – o livro didático – e em estratégias pouco diversificadas e, até certo ponto, pouco estimulantes para a aprendizagem de um conceito complexo, como destacam as pesquisas da área.

Além disso, revelou também que as interações entre as crianças e destas com a professora para construção do conceito de tempo histórico não eram suficientes, já o diálogo entre as partes era insuficiente, não envolvia uma problematização frequente das situações vivenciadas na sala, nem dos conteúdos tratados.

Como perspectivas de pesquisas futuras, destacamos analisar o papel do professor na construção dos conhecimentos sobre o tempo histórico, pois este é um fator primordial para construção de tal conhecimento.

Referências

- ABUD, M. Kátia. *Pedagogia Cidadã: cadernos de Formação: Ensino de História*. São Paulo, UNESP, 2004.
- BERGAMASCHI, Maria Aparecida. *O tempo histórico no ensino fundamental*. In. 23º REUNIÃO ANUAL DA ANPED. GT ENSINO FUNDAMENTAL, Out. 2000 em Caxambu/MG.
- CARVALHO, Alexsandro Donato. *O tempo histórico na representação dos professores do ensino fundamental do 1º e 2º ciclos*. ANPUH-XXIII Simpósio Nacional de História. Londrina, 2005.
- COOPER, Hilary. *Aprendendo e ensinando sobre o passado a crianças de três a oito anos*. Curitiba, UFPR, 2006.
- CORRÊA, Rosa Lydia Texeira. *Sobre a permanência de práticas pedagógicas ao longo do tempo histórico*. Revista Diálogo Educacional, vol. 5, núm. 14, enero-abril, 2005, p. 1-11. Pontifica Universidade Católica do Paraná Brasil. Disponível em: www.periodicosapes.gov.br> Acesso em 01 de abril de 2015.
- GARCIA, Paulo César Estaitt. *Tempos da história: uma experiência no ensino fundamental*. Revista historiador número 04. Ano 04. Dezembro de 2011.
- LINHARES, Francisco Reginaldo; CAVALCANTE, Andreza Emicarla Pereira. *O ensino de história nas séries iniciais do ensino fundamental: um diálogo epistemológico sobre a construção e representação da noção de tempo*. Campina Grande, Editora Realize 2012.
- MIRANDA, Sonia Regina. *Estranhos passados encontrados em um museu: a criança e seus olhares sobre o tempo desconhecido*. Cad. Cedes, Campinas. Vol. 30, n. 82, p.369-382, set.-dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v30n82/07.pdf>. Acesso em 01 de abril de 2015.
- NEMI, L. L. Ana; MARTINS, C. João. *Didática de História: o tempo vivido: uma outra história?*. São Paulo, Editora FTD, 1996.
- PESCUMA, Derna. *Projeto de pesquisa. O que é? Como de faz?* São Paulo: Olho D'água, 2005.
- POLIDORO, Pedro. *Fundamentos teórico-metodológicos do ensino de história*. In: Proposta Curricular de Santa Catarina: Estudos Temáticos. Florianópolis: IOESC, 2005.
- ROCHA, Helenice Aparecida Bastos. *Resenhas, História do ensino de História no Brasil: uma retomada plural*. UERJ, Rio de Janeiro/ RJ, 2006.
- SANTOS FILHO, J.C.; GAMBOA, Silvio Sánchez. *Pesquisa Educacional: quantidade-qualidade*. 6 ed. São Paulo, Editora Cortez, 2007.
- SCALDAFERRI, Dilma Célia Mallard. *Concepções de tempo e ensino de história*. Londrina. *História e ensino*. (UEL), v. 14, p. 53-68, ago. 2008. Disponível em:

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/viewFile/11522/10227>> Acesso em 23 de jan. de 2015.

SILVA, A. Marcos; FONSECA, G. Selva. *Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas*. São Paulo, Revista Brasileira de História, 2010.

SIMAN, Lana Mara de Castro. *Quanto tempo o tempo tem! A temporalidade histórica como categoria central do pensamento histórico: desafios para o ensino e a aprendizagem*. Campinas/SP. Editora Alínea, 2º edição, 2005.

ZAMBONI, Ernesta; FONSECA, Selva Guimarães. *Contribuições da literatura infantil para a aprendizagem de noções do tempo histórico: Leitura e indagações*. *Cad. Cedes*, Campinas, vol. 30, n. 82, p.339-353, set-dez. 2010.